



apresentação

O universo ficcional simula e dissimula suas estratégias de construção, desdobrando a condição e a reversibilidade dos papéis de criadores e criaturas. Em “Filosofia da composição”, Edgar Allan Poe deixava vislumbrar essas e outras contingências do ato criador na literatura. Tanto no enunciado quanto na enunciação, algumas criaturas podem revelar a duplicidade com personagens e narradores. Italo Calvino leva essas possibilidades a um auge composicional em *Se um viajante numa noite de inverno*, ao tornar possível o objeto-livro como criação e criatura.

Nesses textos criador e criatura, bem como escritor e leitor, são flagrados numa trapaça de cumplicidade, numa estratégia de sedução. A composição do texto surge como um espaço de ambíguas relações, criando e recriando a ilusão e a multiplicidade de vozes, espaços e funções. Vale lembrar a lenda do Golem, da tradição judaica às implicações da narrativa com a tecnologia, a cibernética e a computação; a criação do livro de memórias por Bento Santiago, em *Dom Casmurro*, e tantos outros textos de Machado de Assis; os metapoemas de Carlos Drummond de Andrade, como “O elefante” e “Poema das sete faces”; a sinistra *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, e as mulheres de cera de *Encarnação*, de José de Alencar.

Este número da *Aletria: Revista de Estudos de Literatura* traz contribuições críticas sobre essas e outras possibilidades de reflexão sobre criadores e criaturas na literatura. Em “Ismael Nery e Murilo Mendes, criador e criatura reciprocamente”, Éverton Barbosa Correia mostra a relação de amizade entre o pintor e o escritor, que fez brotar uma corrente poética até então insuspeita no artista plástico. No palco elizabetano, mais precisamente nas encenações de Shakespeare, o *clown* desafiava e reinventava a peça concebida por seu criador, como aponta Erika de Freitas Coachman, em “Your Words and Your Performances Are no Kin Together”. Também da literatura inglesa vem *A máquina do tempo*, de Wells, que Fabio Luciano Iachtechen analisa como uma discussão do tempo enquanto criação da experiência humana, no texto “Uma alavanca em direção ao fim do mundo: H. G. Wells e sua máquina do tempo”. Por fim, Alex Lara Martins revela um Machado de Assis precursor do fantástico, dando vida a seres inertes, compilando algo como um bestiário, descrevendo espetáculos com animais fabulosos e monstruosidades humanas, em “O anjo e a besta: a antropologia pascaliana no laboratório de Machado de Assis”.

Além do dossiê “Criadores e criaturas na literatura”, organizado por Julio Jeha e Lyslei Nascimento, a seção “Varia” deste número da *Aletria* apresenta cinco artigos cujos objetos se inserem em diferentes períodos históricos, dentro de um extenso arco temporal. “A coralidade e o mundo das *parthénoi* na poesia mélica de Safo” traz uma excelente contribuição sobre uma temática importante da Grécia arcaica, pela relevância das reflexões e pela atualização das referências bibliográficas com as quais a autora Giuliana Ragusa dialoga para reavaliar a relação entre a poeta e a comunidade das *parthénoi*. Em “The Lists of *Paradise Regained*: An Economy of the Full and the Empty”, Luiz Fernando Ferreira Sá propõe uma análise minuciosa das listas no poema épico de John Milton, herança de uma cultura renascentista híbrida, como um procedimento que rompe com a discursividade e desafia a linguagem poética pela sua potência de expansão, dando uma visão de mundo como luta contra o caos e o vazio. O artigo de Olga Kempinska, “‘Poesia é vertical’: Samuel Beckett e a criatividade vanguardista”, contribui com uma reflexão renovada sobre a relação de Beckett com o surrealismo, ao

buscar resgatar o texto do manifesto “Poesia é vertical” articulando-o com *Murphy*, e ao identificar traços da teoria do sublime no entendimento dessa criatividade. Os autores Caio Antônio Nóbrega e Genilda Azerêdo, em “Dearest Reader, It’s up to You”: Articulating the Theory of Aesthetic Response and Metafiction in Ian McEwan’s *Sweet Tooth*”, exploram o romance contemporâneo do escritor britânico a partir dos estudos da recepção, articulando criticamente a teoria com a análise da figura do leitor, dos processos de leitura e das estratégias metaficcionalis. Por fim, deslocando-nos para a literatura latino-americana, Graciela Foglia, em “Entre el exceso y la escasez. Testimonio y memoria en documentales sobre la militancia revolucionaria en Argentina y Brasil”, apresenta uma análise comparativa de dois documentários – um do brasileiro André Ristum e o outro dos argentinos Gabriel Corvi e Gustavo de Jesús –, que constitui uma contribuição significativa e pertinente ao debate atual sobre as questões do testemunho e das memórias traumáticas.

À leitura, então.

Julio Jeha
Lyslei Nascimento
Márcia Arbex
Marcos Antônio Alexandre